

**Cantora, compositora e produtora porto-alegrense, a “Velha Guerreira” tem trajetória também consolidada como professora, empreendedora, e ativista cultural e social**

## Reportagem Cultural

# Nanci Araújo: uma voz além da música

**Marcello Campos**, especial para o JC

Sobre uma das quatro escadarias do Viaduto Otávio Rocha, no Centro Histórico de Porto Alegre, o mesmo apartamento de um prédio na avenida Borges de Medeiros abriga quatro mulheres talentosas, carismáticas e de forte personalidade. Uma é cantora. A outra, professora. Já a terceira atua como empreendedora, enquanto a quarta exerce papel de destaque como ativista cultural e social. Todas completaram 63 anos em 16 de junho deste ano, têm trajetórias sublinhadas pela resistência e se fundem na mesma figura: Nanci Araújo, nome marcante na cidade ao longo das últimas quatro décadas.

O percurso da “Velha Guerreira”, como amigos e colegas também a chamam, teve seu ponto de partida a 2,4 quilômetros dali, na vila da Ilhota – berço do jogador Tesourinha e dos compositores/cantores Lupicínio Rodrigues e Zilah Machado. Filha de uma dona de casa e de um brigadiano vindos do Interior gaúcho, segunda de uma prole de três mulheres e três homens, a menina tinha a saúde fragilizada pelas próprias condições do enclave alagadiço – extinto nos anos 1970 – entre os bairros Cidade Baixa, Menino Deus e Azenha. A pneumonia contraída pela pequena Nanci Teresinha durante uma das cheias no entorno de casa apressou a busca de novos ares: “Moramos no Partenon, depois em Viamão. Meus pais tinham pouco estudo e escreviam apenas o básico, mas em casa havia um bom gosto musical. Desde que me conheço por gente, ouvíamos muita rádio, especialmente aos fins de tarde. Música popular, sambas, tangos, etc. Isso e também as atividades nas escolas por onde passei, como a Setembrina (no bairro Tarumã), certamente contribuíram para despertar em mim a vocação de artista (única dentre os irmãos), que ganharia continuidade após nosso retorno para o Partenon, no final da década de 1970, quando eu estava com 14 anos”.

Matriculada no Colégio Júlio de Castilhos, turno da noite, a adolescente se interessou por aulas de teatro e um curso técnico de desenho publicitário, mas problemas de frequência levaram à conclusão do 2º Grau (atual Ensino Médio) via curso supletivo. “Eu era péssima em física e química, e faltava demais às aulas, inclusive para entrar de graça nos jogos do Inter no Estádio Beira-Rio às quartas-feiras, com a ajuda de um colega que era parente do ‘Príncipe Jajá’ (meia-atacante de destaque no time colorado, três vezes campeão brasileiro na época)”, sorri.

Em paralelo, o trabalho desde os 14 anos reforçava o orçamento dos Araújo, além de bancar discos e ingressos para shows no ginásio Gigantinho. Primeiro como balconista de minimercado na rua Ramiro Barcelos, depois atendente em lojas como Imcosul e vendedora de anúncios para os jornais *Correio do Povo* e *Diário do Sul*. No magazine Hermes Macedo, o batente no departamento de Modas levou a bela morena a ser “Miss Simpatia do Comércio de Porto Alegre de 1984”, aos 21 anos. O inusitado é que a repercussão da faixa – geralmente sem maiores desdobramentos – daria o empurrãozinho inicial a uma carreira diante dos microfones: “Ao ser entrevistada pelo jornalista e carnavalesco Carlos Alberto ‘Roxo’ (1941-1989) na Rádio Princesa AM, comentei que cantava e que já havia atuado em um conjunto de bailes em Viamão. Ele propôs que eu levasse gravações minhas em fitas-cassete para rodar na emissora; então corri para providenciar. A Farroupilha acabou me chamando em seguida para tocar em uma festa; foi bem legal, só que isso não dava dinheiro, apesar da visibilidade. E meu pai ainda não permitia que eu cantasse em casas noturnas. O jeito foi investir na participação como intérprete e compositora em festivais com premiação e maior abertura à música popular, na Capital ou Interior.

**Leia mais na página central**



KARINE VIANA/INULGAÇÃO/JC